

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA (UFRO)
CENTRO DE HERMENÊUTICA DO PRESENTE

PRIMEIRA VERSÃO

ANO IV, Nº182 MAIO - PORTO VELHO, 2005
Volume XII

ISSN 1517-5421

CAPA: ELIAQUIM CUNHA

EDITOR

NILSON SANTOS

CONSELHO EDITORIAL

ALBERTO LINS CALDAS - História
ARNEIDE CEMIN - Antropologia
FABÍOLA LINS CALDAS - História
JOSÉ JANUÁRIO DO AMARAL - Geografia
MIGUEL NENEVÉ - Letras
VALDEMIR MIOTELLO - Filosofia

Os textos de até 5 laudas, tamanho de folha A4, fonte Times
New Roman 11, espaço 1.5, formatados em "Word for Windows"
deverão ser encaminhados para e-mail:

nilson@unir.br

CAIXA POSTAL 775
CEP: 78.900-970
PORTO VELHO-RO

TIRAGEM 150 EXEMPLARES

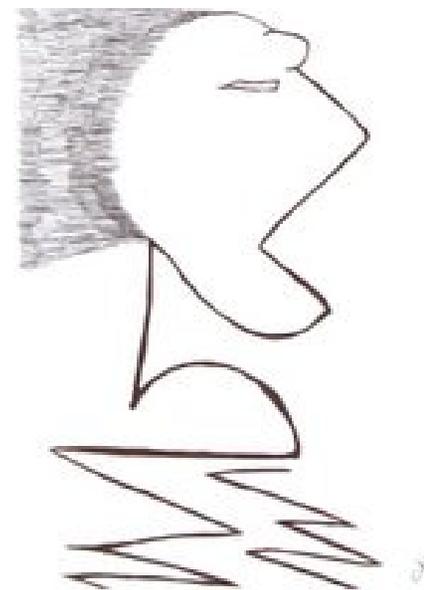
EDITORA UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA

PRIMEIRA VERSÃO

ISSN 1517-5421

lathé biosa

182



HISTÓRIA E POSITIVISMO

Alberto Lins Caldas



Alberto Lins Caldas

Professor de Teoria da História - UFRO
Centro de Hermenêutica do Presente - UFRO
caldas@unir.br

HISTÓRIA E POSITIVISMO

O Positivismo em História se restringe, hoje, à chamada "História Oficial", à "História de Segundo Grau", à alguns historiadores regionais, a certa mentalidade, mas não gerou uma tendência coerente e forte, não gerou uma História, mas tão somente desvios. Sua aplicabilidade seria estranha a todas as concepções de História.

O "Positivismo clássico" esconde por traz dos "dados objetivos" a sua matriz ideológica, o seu fazer. Sua concepção geral é a de que a sociedade é regulada por leis naturais que são imutáveis e não dependem do arbítrio; a consequência lógico-epistemológica é a de que os métodos e técnicas aplicados no estudo da sociedade devem ser os mesmos das ciências naturais, o conhecimento objetivo que estabelece o que é Ciência, científico, metodológico, possível e impossível, real e irreal; a metodologia da História não apenas seria a mesma das Ciências Naturais como também deveria estudar seu "objeto" da mesma maneira, sem "juízos de valor", com a esperada neutralidade (o passado já passou, nada temos que nos inserir nele), dissecando os "fatos" como se fossem objetos; a separação entre Juízos de Valor e Fatos é imprescindível; sem implicações políticas, a finalidade da Ciência (da História) é constatar, descrever e prever. A descritividade descompromissada, reproduzindo a realidade, torna-se o estilo preferido e necessário. Com isso o sujeito encontra o objeto, desencava, escava e o traz a luz. A separação entre o cientista e seu "objeto de estudo" é condição inescapável.

O positivismo não se encontra em estado puro em nenhuma concepção de História, nem mesmo no século XIX. Esse segmento lógico arruinaria completamente qualquer pretensão historiográfica e até mesmo um projeto científico que tivesse a "sociedade" e suas virtualidades contraditórias e dispersivas como objeto. Mas fragmentos dela estão como não-dito em muitas "Escolas de História", escondidos como generalidades, universalidades, naturalizações, esquecimentos, adesões, procedimentos.

Como algumas clivagens positivistas dentro da História rememora de que a função básica do historiador é reconstruir os fatos. Esses fatos não se relacionam com o historiador. Sua posição é neutra, ou científica, separando ele mesmo e o sistema imaginário do seu tempo daquilo que passou. Sujeito e objeto mantêm uma relação "naturalizante", de compreensão causa-efeito, como duas entidades, como se os "objetos" não fossem criação viva de uma "comunidade", de indivíduos, não fossem expressões do próprio sujeito, como duas entidades separadas, não fossem ficcionais.

Outra é que a história é o real, sociedade, existência, sistema de fenômenos existentes em sua globalidade, os homens em movimento a humanidade e seu trajeto. Essa existência deixa documentos do seu movimento, que serão recompostos (a história está nos documentos: os fatos estão nos documentos) pela História. O historiador é o cientista que extrairá a história condensada, escondida, espalhada nos documentos.

Outra é que a Filosofia e toda reflexão deve ser afastada da operação, pois afetaria a "matéria refinada" que é "o que aconteceu", onde não estavam nem o presente nem o historiador.

A transformação de tudo em "objeto da ciência" da mentalidade positiva esconde a transformação de tudo em objeto. Sem o histórico processo de objetificação, sem objetificar, o pensamento científico fica inoperante, principalmente porque suas razões são funcionais. Sua lógica é "industrial". As operações que lhe cabem são somente aquelas que permitem a construção, a utilização social do conhecimento visivelmente como poder. Sua eficácia (verdade, objetividade, aplicabilidade) provém exatamente dessa objetificação.

A História, que poderia ser a antítese dessa concepção científica do mundo, luta desesperadamente pela glória inútil de ser considerada Ciência. Uma História científica seria ridícula e seu exercício, além de matá-la, anularia qualquer possibilidade de compreensão desse fenômeno perverso e contraditório que é o ser social. O método da História, coerente com seu pretensão "objeto de estudo", não poderá jamais ser científica em qualquer dos seus momentos, o que não exclui nem o rigor nem a capacidade de compreensão e consciência das dimensões fundamentais do existir.

Essa "História Positivista" não será aquela que será desmoralizada e dissolvida pelos Annales, uma História mais séria, científica mas sem os limites desse tipo de História que se tornou "saber oficial" e ainda hoje é a forma concentrada das "Histórias do segundo grau".

BIBLIOGRAFIA

- AUERBACH, Erich. MIMESIS: A REPRESENTAÇÃO DA REALIDADE NA LITERATURA OCIDENTAL. Perspectiva, São Paulo, 1976.
- BOURDÉ, Guy; MARTIN, Hervé. AS ESCOLAS HISTÓRICAS. Europa-América, Lisboa, 1990.
- CASSANI, Jorge Luis; AMUCHÁSTEGUI, A. J. Pérez. DEL EPOS A LA HISTORIA CIENTÍFICA. Editorial Nova, Buenos Aires, 1971.
- COLLINGWOOD, R. G. A IDÉIA DE HISTÓRIA. Presença/Martins Fontes, Lisboa, 1972.
- William. FILOSOFIA DA HISTÓRIA. Zahar, Rio de Janeiro, 1977.
- FOUCAULT, Michel. AS PALAVRAS E AS COISAS. Portugalia, Col. Problemas/23, Lisboa, 1968.
- GARDINER, Patrick. TEORIAS DA HISTÓRIA. Fundação Calouste Gulbenkian, 2ª ed., Lisboa, 1974.
- KOSIK, Karel. DIALÉTICA DO CONCRETO. Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1976.

GOFF, Jacques; NORA, Pierre (org.). HISTÓRIA: NOVOS PROBLEMAS, NOVAS ABORDAGENS, NOVOS OBJETOS. Francisco Alves, 3 vol., Rio de Janeiro, 1976.

Michael. IDEOLOGIA E CIÊNCIAS SOCIAIS. Cortez, São Paulo, 1985.

_____. AS AVENTURAS DE KARL MARX CONTRA O BARÃO DE MUNCHHAUSEN. Busca Vida, São Paulo, 1987.

MARROU, Henri-Irénée. SOBRE O CONHECIMENTO HISTÓRICO. Zahar, Rio de Janeiro, 1978.

MÉSZÁROS, Istvan. FILOSOFIA, IDEOLOGIA E CIÊNCIA SOCIAL. Ensaio, São Paulo, 1993.

RÜSEN, Jörn. NARRATIVIDADE E OBJETIVIDADE NAS CIÊNCIAS HISTÓRICAS. TEXTOS DE HISTÓRIA/75-102, vol. 4, nº 1, 1996.

VITRINE

A FORMAÇÃO DO ESPÍRITO CIENTÍFICO

GASTON BACHELARD

Editora Contraponto

RESUMO: Fica como um dos elementos provocativos deste livro a afirmação do próprio Bachelard: toda cultura científica deve começar por uma catarse intelectual e afetiva. Resta, então, a tarefa mais difícil: colocar a cultura científica em estado de mobilização permanente, substituir o saber fechado e estático por um conhecimento aberto e dinâmico, dialetizar todas as variáveis experimentais, oferecer enfim à razão razões para evoluir.

SUMÁRIO: A noção de obstáculo epistemológico; O primeiro obstáculo: a experiência primeira; O conhecimento geral como obstáculo ao conhecimento científico; Exemplo de obstáculo verbal: a esponja – extensão abusiva das imagens usuais; O conhecimento unitário e pragmático como obstáculo ao conhecimento científico; O obstáculo substancialista; Psicanálise do realista; O obstáculo animista; O mito da digestão; Libido e conhecimento objetivo; Os obstáculos do conhecimento quantitativo; Objetividade científica e psicanálise.

Áreas de interesse: Análise do Discurso , Linguística Indígena, Antropologia.

Palavras-chave: índios, Amazônia, Cultura, Meio-Ambiente, Etnografia.